

*revistas
literárias
blimunda 89
pmm!*

*O ANO DA MORTE
DE RICARDO REIS*

PRÊMIO JOSÉ SARAMAGO

AFONSO REIS CABRAL

PRÊMIO EDUARDO LOURENÇO

CARLOS REIS

fundação josé saramago mensal outubro 2019

Editorial
**UM PRÉMIO QUE FORMA
LEITORES E ESCRITORES**

Leituras
SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante
ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

REVISTAS LITERÁRIAS

SARA FIGUEIREDO COSTA
PRÉMIO JOSÉ SARAMAGO 2019

*Uma cerveja
estupidamente gelada*
ANDREA ZAMORANO

pim!
And the winner is...

Espelho meu
ANDREIA BRITES

saramaguiana
**O ANO DO BARMAN QUE LIA
SARAMAGO**

**CARLOS REIS: PRÉMIO
EDUARDO LOURENÇO 2019**

AGENDA

Epígrafe
JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 89 outubro 2019

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

UM PRÉMIO QUE FORMA LEITORES E ESCRITORES

Afonso Reis Cabral tinha 9 anos quando o Prémio Literário José Saramago foi instituído. «Cresci a ler José Saramago e também a ler outros autores que ganharam este prémio», disse o autor de *Pão de Açúcar* no dia em que recebeu a distinção. O mais recente vencedor do galardão criado em 1999 pela Fundação Círculo de Leitores formou-se a ler aqueles que, a partir de agora, são seus colegas na já extensa lista de talentosos autores que receberam este importante incentivo num momento em que a carreira literária dele tanto necessita.

«Qual o prémio ganho em Portugal de que passados 20 anos ainda se fala com o vencedor acerca dele?», escreveu Paulo José Miranda, o primeiro vencedor do Prémio José

Saramago, numa das edições do *JL – Jornal de Letras, artes e ideias* publicadas em outubro. Depois dele foram distinguidos: José Luis Peixoto, Adriana Lisboa, Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, João Tordo, Andréa del Fuego, Ondjaki, Bruno Viera Amaral, Julián Fuks e Afonso Reis Cabral.

José Saramago entregou pessoalmente o diploma a todos os vencedores enquanto esteve vivo. Já sem o seu patrono fisicamente entre nós, o prémio continuou e continuará a celebrar o talento de novas vozes da literatura em língua portuguesa.

Nesses 20 anos de vida, o Prémio José Saramago tem formado não só leitores, mas também escritores. Não se pode pedir mais. Podemos, isso sim, agradecer ao Círculo de Leitores e ao Grupo Bertrand pela criação e manutenção deste prémio que tanto orgulhava o seu patrono e que hoje orgulha a instituição que leva o seu nome.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS



Escolhas de um editor

É muito difícil para um editor escolher um livro predileto dentre os que publicou. Como um pai, um editor não consegue escolher uma filha ou um filho em detrimento dos outros.

No blog da editora brasileira Companhia das Letras, Luis Schwarcz fala sobre o seu trabalho, assumindo-lhe os contornos pessoais: «É muito difícil para um editor escolher um livro predileto dentre os que publicou. O mais comum é respondermos à pergunta, tão banal, com a resposta chavão que a questão merece: “Como um pai, um editor não consegue escolher uma filha ou um filho em detrimento dos outros.”» Apesar desta aparente impossibilidade de escolher, o editor destaca um livro da sua responsabilidade que, sem ser apresentado como “o preferido”, foi claramente uma escolha que acabou por se cruzar com a sua identidade, a sua memória e a sua história pessoal, tudo isto a partir de um livro, *O garoto que Seguiu o Pai Para Auschwitz*, de Jeremy Dronfield: «Escrevi um outro conto, chamado “Pai”, e tentei escrever um romance, do qual tenho duzentas páginas, inconclusas e imperfeitas, debaixo de um bonito título: “Luar ausente”. Mas nem o conto nem o fracassado romance têm qualidade equivalente ao meu esforço

para preencher aquele silêncio todo, com o qual me vi crescer. Por isso publicar o livro de Jeremy Dronfield foi tão importante para mim. Nele uma história que começa muito diferente da do meu pai, com um filho recusando a possibilidade de escapar de Auschwitz e decidindo seguir seu pai para o campo, onde em princípio caminhariam para a morte, acabará tendo muitos pontos em comum. A história toda do livro é verídica. Trata-se de um livro de não ficção que retrata a trajetória da família Kleinmann, principalmente de Gustav e Fritz, sem nenhuma afetação. E as coincidências da vida desse pai e filho, com a de Laios e Andras, meu avô e meu pai, são imensas.» ►



Discutir o género, questionar o binarismo

El cuerpo trans, ha escrito, pone en jaque nociones como la nación, los juzgados, la familia, los centros de internamiento o la psiquiatría

O jornal espanhol *El Diário* publica uma entrevista com Paul B. Preciado, um dos teóricos mais ativos na discussão das teorias queer e dos estudos de género, que acaba de publicar o livro *Un Apartamento en Urano* (editado

pela Anagrama), reunindo crónicas que foram sendo publicadas no Libération. Um excerto:

«El cuerpo trans, ha escrito, "pone en jaque nociones como la nación, los juzgados, la familia, los centros de internamiento o la psiquiatría". ¿De qué manera es lo trans un ato político?

Lo trans siempre es un ato político. En una sociedad en la que hay una epistemología binaria en la que ni el discurso médico ni jurídico contempla otro tipo de género que no sea masculino o femenino, afirmarse como trans es situarse en el lugar de la patología y que te apliquen una terapia de género que te permita atravesar esa frontera e ir a otro lugar. Si te opones a ese tipo de diagnóstico médico y protocolo patologizante, se trata siempre y en todo caso de una posición política. Es tan político como el herético que en el siglo XV se oponía a la existencia de Dios. Esta epistemología binaria es la epistemología de la diferencia sexual, que, de todas formas, está tocada de muerte y lleva al menos los últimos 50 años en una crisis extraordinaria.

¿En qué sentido?

En el sentido en el que a partir de los años 40 el propio discurso médico empieza a darse cuenta de que hay una multiplicidad de cuerpos que no pueden ser reducidos a lo binario. Entonces, para dar cuenta de esa multiplicidad inventa la noción de intersexualidad y decide no cambiar la epistemología sexual, sino intervenir físicamente sobre los cuerpos y modificarlos llevando a cabo operaciones que son básicamente una castración genital. Se habla

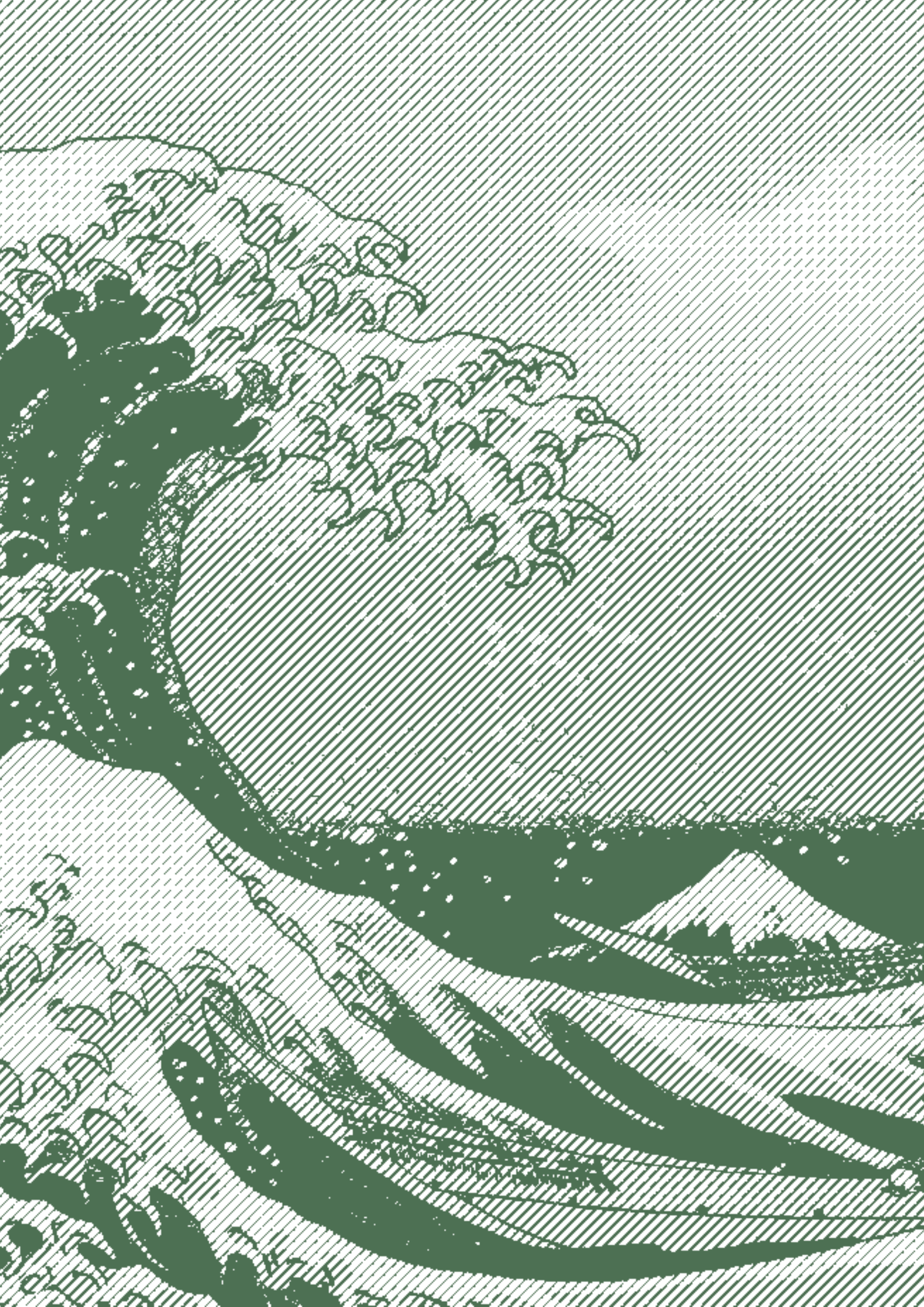
siempre de la mutilación genital en los países árabes y no hace falta. La mutilación se produce constantemente en los hospitales de Occidente en beneficio del mantenimiento de un sistema abstrato y político que es el de la diferencia sexual.» ►



O que se lê nas imagens e o que há para além delas

Adeus, mítica onda gigante que ninguém nunca viu, bem-vindo, sopão de destroços que derruba preguiçosamente as casas.

Na revista Serrote, o escritor brasileiro Daniel Galera assina um ensaio sobre o papel da imagem na política, na sociedade e no pensamento contemporâneos. A partir das imagens do tsunami que atingiu o Japão em 2011, reflete sobre as perspectivas individuais sobre o que se via em fotografias e vídeos e o que aconteceu na costa japonesa, abrindo essa reflexão a outras tragédias contemporaneamente registadas até à exaustão, como o rebentamento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, no Brasil. «No século 21, com o avanço das tecnologias digitais, estaríamos em transição para uma estética do



belo. A internet e as novas tecnologias de imagem deixam tudo à disposição do olhar. “O universo das coisas não somente está disponível para nós”, escreve Shaviro, “mas vai se tornando cada vez mais inevitável.” Quando tudo está acintosamente acessível, a atração estética passa a derivar menos das potencialidades do sublime e mais das relações e dos arranjos entre as coisas já disponíveis. É uma estética dos padrões, das colagens, das fusões, das representações sensoriais possíveis para o processamento de informação incessante que nos cerca. De acordo com essa ideia, é o sublime que morre diante das imagens do tsunami japonês disponíveis no YouTube. Adeus, mítica onda gigante que ninguém nunca viu, bem-vindo, sopão de destroços que derruba preguiçosamente as casas. No caso do desastre de Mariana, já não se pode dizer o mesmo. Há algo de sublime nas imagens, se pensamos no sublime como a presença dessa substância que desestabiliza o espírito, e que pode se converter em alguma espécie de satisfação estética na medida em que estamos afastados e protegidos de sua hostilidade. É o sentimento da criança diante das ondas colossais que fabrica na imaginação: o poder destrutivo das águas, o fato de que estamos isolados dele pela fantasia ou por um ponto de vista seguro, é parte essencial da apreensão estética. As imagens de Mariana tocam nessa sublimidade, expondo um horror geológico violento, do qual estamos protegidos pela mediação das imagens, ainda que seus efeitos sobre vidas humanas e ecossistemas sejam conhecidos e divulgados. Na beleza das relações e dos

padrões, que substitui o sublime nos tempos da visibilidade total, tanto a substância desestabilizadora quanto o sujeito da experiência estética deslizam para o segundo plano, cedendo lugar aos objetos em si, com sua existência independente do ponto de vista humano. Como esse movimento altera o trabalho da imaginação criadora? Como desloca nosso entendimento sobre a função da beleza e as possibilidades de transformação política da arte?» ►



Nobel a dobrar

La buena salud ética de nuestra sociedad pasa por que en la Academia Sueca no haya violadores ni ladrones, pero también por darle el Nobel al autor de Lolita o a Borges.

Em 2018, o Prémio Nobel da Literatura não foi atribuído. Um escândalo envolvendo assédio sexual levou ao afastamento de alguns membros da Academia sueca, ensombrando o prémio e a instituição que o atribui, e os membros restantes decidiram suspender a distinção por um ano. No passado dia 3 de outubro, foram anunciados

dois vencedores do Nobel literário, a polaca Olga Tokarczuk e o austríaco Peter Handke. No site da revista espanhola El Cultural, o editor Enrique Redel e a escritora Elvira Navarro discutem o procedimento decidido pela Academia sueca, questionando as escolhas, os métodos e sobretudo, o papel que a instituição assume hoje naquilo a que poderemos chamar espaço literário. Dois excertos para acompanhar o debate, o primeiro de Elvira Navarro, o segundo de Enrique Redel:

«De no expulsar a los poetas de la polis, pero sí a los abusadores y a los chorizos de las instituciones, y a los mercaderes del templo de la literatura, es de lo que yo creo que va el premio Nobel, aunque no siempre lo consiga. La buena salud ética de nuestra sociedad pasa por que en la Academia Sueca no haya violadores ni ladrones, pero también por darle el Nobel al autor de Lolita (no se lo otorgaron porque creyesen que Lolita era una apología de la pederastia, sino porque les parecía un autor comercial, según leo), o a Borges, que se quedó sin él por sus ideas políticas.»

«Hace ya años que la noticia de la concesión, cada primer jueves de octubre, del Nobel de Literatura apenas interesa ya más que a los profesionales del setor. Existe una broma que se repite cada vez que se aproxima la fecha en que se falla el Nobel, por la que se asume que lo más probable es que se lo lleve algún escritor de nombre impronunciable, de un país periférico, que obligará a los editores a buscar en el rincón más oculto de sus almacenes alguna edición

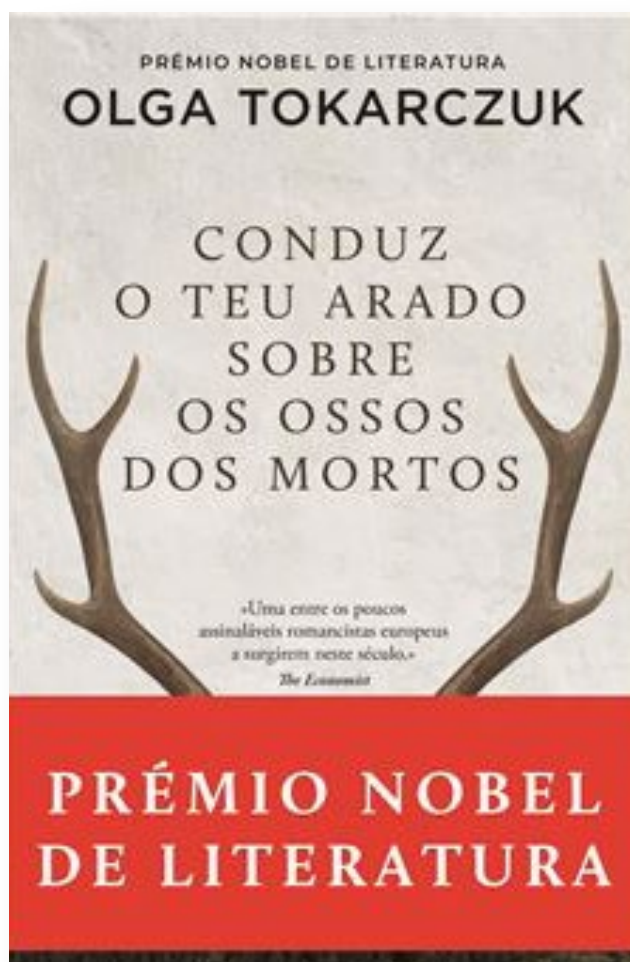
antigua que poner en las librerías para intentar salvar los muebles. La veteranía del premio Nobel hace que se le considere un ato social, de resonancias diplomáticas, más que un verdadero acontecimiento literario, y los fastos, los escándalos últimos, hacen que se le considere algo arcaico y hasta folk. Un premio que no va a deparar grandes sorpresas, pero siempre deseable. Aunque podamos pensar que los premiados no van a obtener la repercusión de hace años, que no van a conseguir ventas mayúsculas, que el prestigio no es tanto porque, entre otras cosas, el “prestigio social” ya no parece hallarse ni en la literatura ni en las ciencias ni en las artes, lo cierto es que los componentes del setor editorial sí que tenemos ese día un ojo puesto en los periódicos a la espera de saber el nombre del afortunado o afortunada que le va a dar la mano al rey de Suecia.» ►



ANDREIA
BRITES

SARA FIGUEIREDO
COSTA

E S T A N
T E



CONDUZ O TEU ARADO SOBRE OS OSSOS DOS MORTOS

OLGA TOKARCZUK
CAVALO DE FERRO

Depois de *Viagens*, chega às livrarias portuguesas mais um livro da Prémio Nobel da Literatura de 2018 (atribuído este ano), um romance de contornos policiais que reflete sobre o modo como a política, a noção de comunidade e o indivíduo se cruzam tão profundamente.

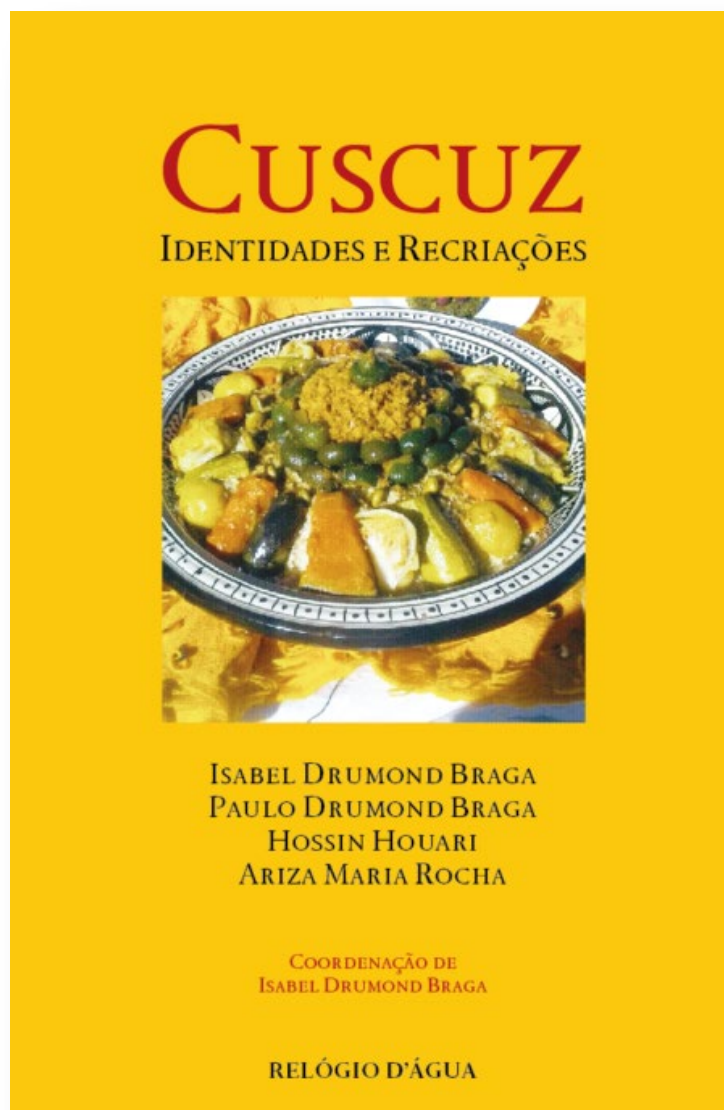


MIÚDOS CONTRA O PLÁSTICO

MARTIN DOREY E TIM WESSON

NUVEM DE LETRAS

Neste guia o leitor é convidado a realizar pequenas missões de combate ao plástico, partindo sempre do seu quotidiano: apanhar lixo no percurso da escola para casa ou no parque, contar e reduzir os sacos de lixo em casa, trocar o gel de banho por um sabonete sólido... A par dos desafios, o livro fornece muitos dados e informações sobre o plástico, da origem às formas mais tóxicas, das iniciativas ambientalistas de alguns países aos efeitos nocivos dos microplásticos para a fauna e flora marinhas.

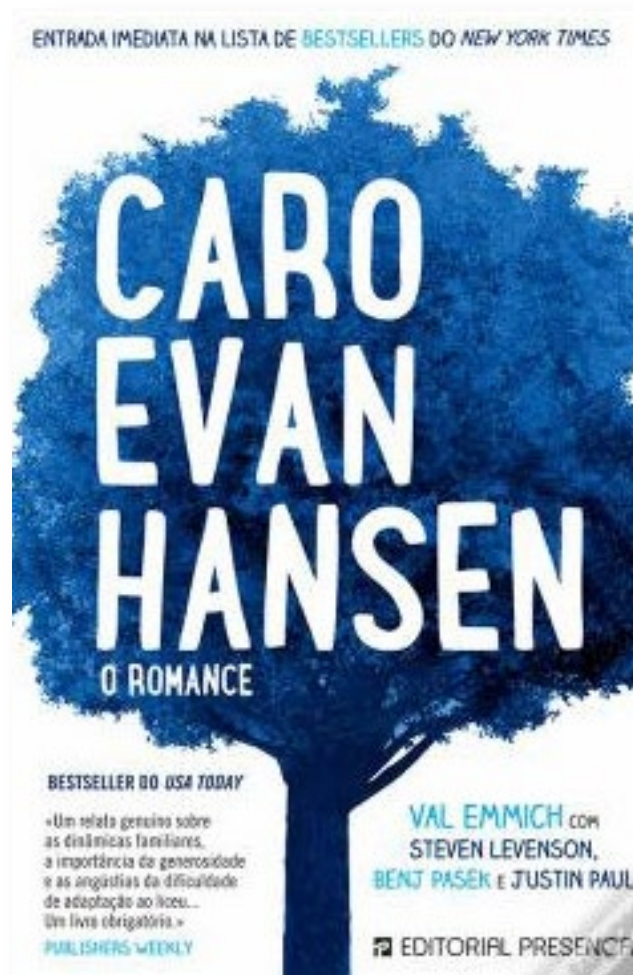


CUSCUZ – IDENTIDADES E RECRIAÇÕES

VVAA

RELÓGIO D'ÁGUA

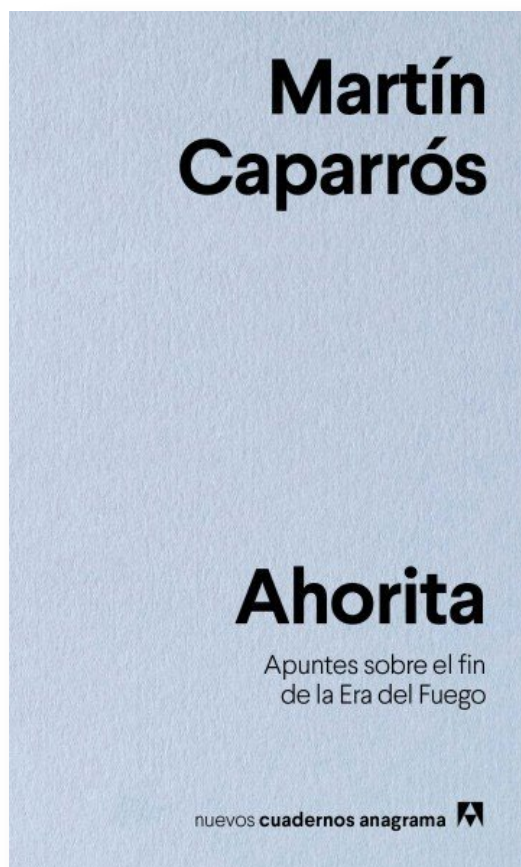
Um percurso histórico e cultural pela trajetória do cuscuz, produto gastronómico originário do Magrebe que se espalhou pelo mundo, chegando a Portugal e ao Brasil. Da identidade à sociologia, das práticas religiosas às festividades, este livro coordenado por Isabel Drumond Braga é um contributo essencial para conhecermos o tanto que partilhamos.



CARO EVAN HANSEN

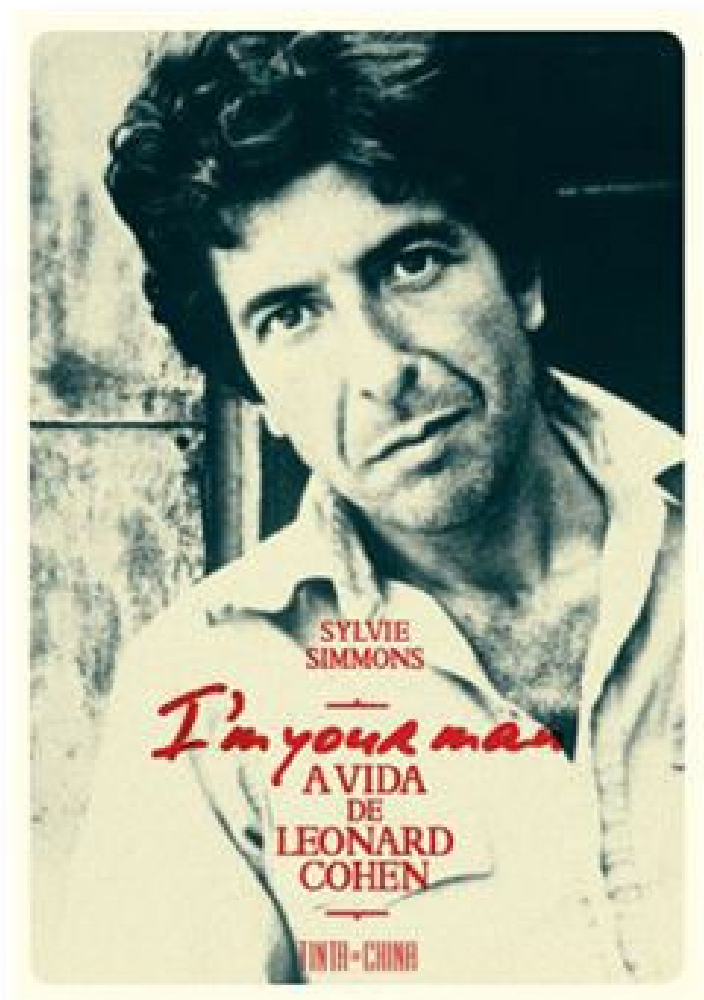
VAL EMMICH
EDITORIAL PRESENÇA

A novela chegou ao papel depois do sucesso do musical que esteve em cena na Broadway. Pelo ritmo dos monólogos do narrador-protagonista e pela torrente emocional deste anti-herói, o texto parece encaminhar-se na mesma direção. Evan é um adolescente com graves problemas de sociabilização, um braço partido e o primeiro dia de aulas a acontecer depois das férias de verão. Apesar de o desenrolar do dia não ser tão mau quanto no passado, Evan não se liberta dos seus fantasmas. Todavia, aquele dia é a encubadora para uma mudança radical.



AHORITA
MARTÍN CAPARRÓS
ANAGRAMA

Com o subtítulo *Apuntes sobre el fin de la Era del Fuego*, o novo livro do argentino Martín Caparrós reúne reflexões aparentemente dispersas – mas onde várias linhas estruturadas se vão desenhando – sobre a contemporaneidade, os desafios trazidos pela tecnologia e a sua insaciável rapidez, o turismo e a vida nas cidades e todo um conjunto de temas que nascem do ócio, da deambulação e da observação atenta do mundo que rodeia o autor.



I'M YOUR MAN: A VIDA DE LEONARD COHEN

SYLVIE SIMMONS

TINTA DA CHINA

Pouco dado a confissões públicas, Leonard Cohen permitiu à jornalista Sylvie Simmons um acesso inédito à sua vida, às suas rotinas e a várias histórias do passado. O resultado é esta biografia, retrato detalhado de uma das figuras mais importantes da música do século XX, onde se registam histórias de bastidores, desabafos e episódios pouco ou nada conhecidos, ao lado do percurso biográfico que todos os admiradores de Cohen há muito conhecem.



ESTOU TRISTE/ ESTOU COM MEDO

AURÉLIE CHIEN E CHOW CHINE

NUVEM DE LETRAS

O unicórnio Gastão tem uma crina que muda de cor de acordo com as suas emoções. E estas variam de acordo com o contexto, evidentemente. Gastão tem amigos mas nem sempre estão de acordo quanto à brincadeira. Gastão tem medo do escuro e de ficar sozinho na cama à noite. Em cada volume aborda-se um sentimento distinto através do relato do quotidiano do protagonista. No final, sugerem-se exercícios respiratórios para ajudar a vencer essas emoções que causam sofrimento, como os medos ou a tristeza. A coleção conta com mais dois títulos, dedicados à vergonha e à raiva.



MORANGOS MOFADOS
CAIO FERNANDO ABREU
COMPANHIA DAS LETRAS

Nova edição do mais conhecido livro deste autor brasileiro, um conjunto de contos que alcançaram a intemporalidade, mesmo refletindo um certo Brasil de início da década de 1980, entre o fim da ditadura, o anúncio da democracia e os muitos conflitos políticos, sociais e individuais que envolvem as personagens criadas por Caio Fernando Abreu.

re-
vi-
stas
lite-
rá.
mas

RESISTIR
E DAR A LER
O MUNDO

U

ma das conversas programadas para o primeiro fim de semana do Folio reuniu Paulo Werneck, da revista brasileira *Quatro Cinco Um*, e John Freeman, editor da publicação norte-americana *Freeman's*, moderados pelo jornalista e editor Carlos Vaz Marques, numa sessão com casa cheia no Auditório Municipal Casa da Música. O propósito era discutir a participação da crítica e dos críticos na leitura, mas a conversa acabou por centrar-se muito nas revistas literárias e no seu papel, fazendo circular textos e autores através da tradução, dando a ler reflexões de diferentes ângulos sobre livros e leituras, permitindo o acesso a textos, palavras e pensamentos não imediatamente disponíveis em meios mais formatados ou impercetíveis na imensa galáxia pulverizada da internet.

O responsável pela *Quatro Cinco Um*, uma revista que se dedica a acompanhar atentamente os livros publicados no mercado brasileiro, selecionando, destacando e resenhando vários deles, falou desta publicação sem poder fugir ao impacto mediático que um dos seus números mais recentes alcançou. Na edição de outubro, a atriz Fernanda Montenegro fez capa vestida de bruxa, numa alusão ao universo das



histórias tradicionais e infantojuvenis. Paulo Werneck explicou a ideia: «A gente se preocupa também em fazer a crítica e resenhar a literatura infantil e foi aí que a gente fez esse convite para a Fernanda Montenegro, e ela só fez uma exigência: quero ser uma bruxa muito elegante. Investimos muito dinheiro para fazer uma produção como um editorial de moda, tipo *Vanity Fair*, e deu muito certo.» Carlos Vaz Marques interrompeu, para lembrar que deu tão certo que até se criou uma polémica, na sequência de uma declaração de Roberto alvim, o responsável do Centro de Artes Cênicas da Funarte, uma instituição brasileira. «Sim, era um diretor de teatro, que tinha um certo protagonismo na cena de São Paulo, era um cara promissor, e aí sucumbiu ao bolsonarismo...», continuou Werneck. «E agora é uma pessoa poderosa, aderiu ao avanço evangélico, que é uma questão muito preocupante.

Não se trata de perseguição religiosa, trata-se de defender os valores da República. Mas esse cara, que está na FUNARTE, chamou a Fernanda Montenegro de sórdida, disse que ela estava posando numa revista esquerdista... Enfim, ganhei um selo de esquerdista, que eu acho que não tinha, fiquei feliz com



Quatro cinco um

a revista dos livros – ano três, número vinte e sete, outubro de dois mil e dezanove – R\$ 11



Fernanda Montenegro, 2009.
Foto de Mariana Maltoni

Sobre livros e bruxas

Fernanda Montenegro por Gregorio Duvivier, Sérgio Augusto e Mariana Maltoni

ESPECIAL REBENTOS: livros infantojuvenis para salvar da fogueira • Bruxarias nos livros de história
Novos columnistas: Djalmilla Pereira de Almeida e Kalaf Epalanga • Crossdressing em Shakespeare

isso. Xingar a Fernanda Montenegro é que nem xingar a mãe e isso deu uma imensa projeção para a revista, na verdade, teve o efeito contrário. E uma revista independente precisa que as pessoas a comprem. É isso. Essas publicações não fazem sentido se não forem independentes.»

Nos Estados Unidos da América, a *Freeman's* é uma revista bianual com algumas semelhanças com a Granta (de que John Freeman foi editor), um objeto com aspeto de livro que reúne ficção, não-ficção e poesia, mas também intervenções mais plásticas, como ilustração ou fotografia, sempre em torno de um tema. A última edição é dedicada ao Poder, assunto muito a propósito para se perceber se continuar a editar em papel, a fazer revistas graficamente cuidadas e escolhas editoriais criteriosas não será um ato de resistência. Sobre isso, diz Freeman: «Usar a linguagem de um modo estético, reflexivo, é um ato de resistência, sim. Quem escreve, tem esse papel, que é importante, porque pode redefinir as palavras, as ideias. É por isso que os ditadores e os governos autoritários perseguem escritores, jornalistas... Não é

a força física, são as palavras que anunciam mudanças, mesmo as violentas e condenáveis. No Ruanda, antes do genocídio, foi a repetição de um insulto, “baratas”, que anunciou o conflito, foi uma palavra antes dos combates. No meu país, temos um presidente que se dedica a destroçar o valor da linguagem, a destruir qualquer hipótese de verdade, criando um sentimento de perplexidade, de impotência, que parece querer indicar que apenas ele consegue aceder à verdade. É um génio da desinformação. Quando vemos uma das pessoas com mais poder no mundo dizer uma coisa de manhã e o seu oposto à tarde, isso torna-se difícil de encarar.»



modo como o poder manipula o medo, pegando nas nossas fantasias coletivas e transformando-as em supostas ameaças concretas, pode ser desmontado através da literatura, de textos que refletem sobre essa capacidade de fantasiar, sobre os outros ângulos com que podemos olhar para os outros e para nós mesmos. E nesse sentido, uma revista como a *Freeman's*, que acolhe textos de muitas geografias, colocando vários autores em diálogo em cada edição, tem um contributo essencial para essa disseminação

Freeman's

The Best New Writing on
Power



Alvarez
Anam
Atwood
Biss
Chang
Cortez
Fagan
Forna
Gowrinathan

Hemon
Hilsman
Im
Keret
Kurniawan
Landau
Lopez
Louis
Mitchell

Nishi
Okri
Rowe
Russell
Shafak
Slimani
Smith
Yi

de palavras, ideias, estéticas. E papel semelhante tem a *Quatro Cinco Um*, não com a publicação de textos, mas com a atenção afinada para a reflexão sobre aqueles que se tornam públicos e chegam ao público sob a forma de livros. A velocidade a que a informação – e a desinformação – circula na internet, a urgência com que tudo se torna obsoleto tão depressa como se tornou o tema do momento, a impossibilidade de seguir uma linha estável num universo de dados absolutamente fragmentado, tudo isso poderá contribuir para uma ideia de não fazer já sentido dedicar tanto tempo a publicações como estas, cuidadas, ponderadas, interventivas. O raciocínio deveria ser o inverso, como se confirmou nesta conversa entre os dois editores.



talvez a velocidade, a rápida obsoletização e a imensa fragmentação precisem destes contrapontos, lugares onde se contam histórias, onde se pensa sobre nós e o que nos rodeia, onde se auscultam os impulsos caóticos de um mundo que não para. Tudo coisas que poderão não nos salvar de nada, mas que talvez nos impeçam de nos reduzirmos a um casulo, de sentirmos o mundo como ameaça, de nos isolarmos no medo e nas respostas possíveis que podemos dar-lhe.

pré.
mio
2019
José
Sarra-
mago

No dia 8 de outubro, no auditório da Fundação José Saramago, foi anunciado o vencedor do Prémio José Saramago de 2019. O júri, composto por Guilhermina Gomes, Ana Paula Tavares, António Mega Ferreira, Nelida Piñon e Pilar del Río, decidiu por atribuir o galardão ao escritor português Afonso Reis Cabral pelo romance Pão de Açúcar.

A Blimunda publica neste número o discurso do vencedor do prémio e as palavras da Senhora Ministra da Cultura, Dra. Graça Fonseca lidas na cerimónia de entrega do prémio.

Afonso Reis Cabral:

*Cara Senhora Ministra da Cultura,
Cara Administração da Fundação Círculo de Leitores,
Cara Administração da Fundação José Saramago,
Caríssimos membros do júri do Prémio Literário José
Saramago.*

Queria dizer obrigado como uma criança mas entretanto o tempo tropeçou e parece que deixei de ser criança. Acontece que as coisas ainda me espantam como às crianças, por isso digo, qual puto a quem reconheceram um gesto bondoso, obrigado.

Houve vários momentos belos e tristes na escrita deste romance. Os momentos em que dancei depois de um capítulo bem conseguido – não se preocupem, estava sozinho e ninguém viu como danço mal –, aqueles em que a síntese entre a forma e o enredo foram como um beijo; e sobretudo o momento, tão belo quanto triste, em que entreguei as primeiras páginas a uma amiga, para esta as ler na cama de um hospital. A ela que já morreu, à Ariana Mascarenhas, dedico este prémio. Doente, a Ariana teve o maior gesto de generosidade: gastou com o que escrevi algum do pouco tempo que lhe faltava.

Quando mostrava capítulos do livro, sentia-me um

pouco menos só e também um pouco menos puro. Porque há uma certa pureza em fazer com que

as palavras digam o que é suposto. O que é preciso. Aí, nada interessa – em especial, eu não interesso. Tento o mais possível pôr-me de parte para dar espaço às personagens, à história e ao trabalho da linguagem.

Gosto de narradores muito diferentes de mim, de personagens com as quais não me cruzo no dia-a-dia. No primeiro livro, o professor universitário que inveja o irmão deficiente; neste segundo livro, o rapaz de doze anos que procura uma mãe onde ela não existe. Quanto mais elas forem menos eu, melhor. Para mim, essa tem sido a chave da escrita.

Por isso, espanto-me com maneiras de ler que ultimamente sufocam os livros com o que é acessório: o escrutínio do autor. Em Portugal, ainda não fomos tomados de assalto, mas em sítios como os EUA, cada vez mais os livros interessam cada vez menos, por serem analisados de acordo com os bons sentimentos de quem os escreveu. Parafraseando André Gide, bons sentimentos não fazem boa literatura. Pessoas boas fazem boa e má literatura – más pessoas fazem má e boa literatura. Os livros têm de ser lidos à luz do que está escrito, não das boas intenções ou da biografia de quem os escreveu. Detesto as consequências de coisas como o lugar de fala na literatura.

Nesta época do novo moralismo dos bons sentimentos

públicos (espreitem as redes sociais), só espero que haja muitos artistas ímpolutos e geniais que produzam em quantidade por todos os outros.

Até lá, faço o que posso como testemunha. O *Pão de Açúcar* não vai em tendências nem foi influenciado por nada, excepto a procura da natureza humana no seu melhor e no seu pior, ambos iluminando-se e escurecendo-se. Inspira-se num caso real, é certo, mas para mim vive da ficção. E espero sinceramente que viva, pelo menos tentei que assim fosse. Antes dos agradecimentos finais, queria lembrar – mais para mim do que para vocês –, algumas passagens do livro: o bilhete da Gisberta, o beijo tatuado no peito da Alisa, uma pulseira oferecida quando já nada podia ser oferecido, o «Amo-te, Cicciolina» dito no fim de um encontro, a vista do torreão, o autocarro em chamas, um afago misterioso na cabeça.

Gostei de fazer isto.

Quanto aos obrigados, de novo à Fundação Círculo de Leitores, na pessoa de Guilhermina Gomes; à Fundação José Saramago, na pessoa da sua presidente Pilar del Río, que com tanto amor tem zelado pela memória dessa figura tutelar para qualquer escritor, que é José Saramago; e aos membros do júri, Ana Paula Tavares, António Mega Ferreira, Guilhermina Gomes, Nélida Piñon e Pilar del Río; sem esquecer os membros do comité executivo, Manuel Frias Martins, Nazaré Gomes dos Santos e Paula Cristina Costa.

Depois, aos meus pais, que desde sempre me alimentam o coração e desde Outubro de 99 me alimentam o entusiasmo pelos livros e a confiança na escrita. Por causa do exemplo deles, acredito na existência de pessoas profundamente boas, íntegras, interessantes e divertidas. À Maria do Rosário Pedreira, sem a qual este livro teria ficado muito mais pouquinho. Obrigado, minha querida editora.

A todos os que refiro nos agradecimentos do livro, em especial (sem explicações): malta da Infante Ruivo, Rute Bianca, Roberto Figueirinhas, António Barros, António Sousa Leite, José António Navio de Queiroz, Filipa Melo, Nino Ferreira, Alexandra Azevedo, Sara Nabais, Ana Bárbara Pedrosa e Diogo Morais Barbosa.

Por último, para acabar muito bem, à Mariana. Espero que me atures durante todos os meus próximos livros.



Graça Fonseca:

Exma. Senhora Presidenta do Conselho de Administração da Fundação José Saramago,

Exmo. Senhor Presidente do Conselho de Administração da Fundação Círculo de Leitores,

Exmo. Senhor Administrador do Grupo Porto Editora,

É com enorme prazer que participo nesta Cerimónia de Entrega do Prémio José Saramago, começando, por isso, por agradecer à Fundação José Saramago e à Fundação Círculo de Leitores o gentil convite que me foi dirigido. A esta nota de agradecimento pessoal junto um agradecimento institucional por parte do Ministério da Cultura, o qual pretende reconhecer, ou melhor, realçar o papel central que tanto a Fundação José Saramago como a Fundação Círculo de Leitores têm desempenhado na preservação e divulgação dos percursos pessoal e literário de José Saramago.

Saramago construiu uma obra ímpar e transversal, mas o verdadeiro triunfo de qualquer autor é a construção de uma comunidade de leitores, o que é testemunhado pelas inúmeras edições e traduções para as mais diversas línguas e nos mais diversos países.

Esta comunidade de leitores é infinita. Ela compreende quem leu, quem lê e quem, no futuro, lerá a obra de José Saramago. A dimensão estética e ética dos textos de Saramago, a sua capacidade de construir alegorias universais e, ao mesmo tempo, tão próprias da história e da experiência portuguesas, encantará sempre os seus leitores. Mas cumpre-nos promover também este encanto, potenciá-lo. A Fundação José Saramago, no seu incansável trabalho de preservação e divulgação desses textos e da memória do homem que

os escreveu, bem como a Fundação Círculo de Leitores, com este prémio que já vai na sua 11.^a edição, têm promovido de forma notável a obra de José Saramago.

Da nossa parte, o compromisso e as políticas públicas que temos procurado implementar na área do livro e da leitura têm este objetivo fundamental, o de alargar permanentemente a comunidade de leitores da literatura em língua portuguesa e, assim, a comunidade daqueles que podem aceder, em português ou através de traduções, aos livros de José Saramago.

Ao longo das suas onze edições, o Prémio José Saramago tem ajudado a construir um cânone da lusofonia, composto pelos seus mais jovens autores. Os meus parabéns ao Afonso Reis Cabral por passar agora a integrar esta honrosa listagem, mas, também, ao júri que soube reconhecer não só as suas qualidades literárias, mas o humanismo de um autor cuja juventude nos surpreende quando pensamos na marca significativa e reconhecível que já deixou na literatura portuguesa.

Algumas vezes o poder da ficção não é só construir o autêntico através da imaginação, mas também o de dar voz e nova vida àquilo que muitos vão esquecendo. Tornar de novo real e presente o que aconteceu, foi este o desafio que Afonso Reis Cabral assumiu, oferecendo o seu olhar incisivo à trágica história de Gisberta Salce Júnior, morta por um grupo de catorze rapazes

num prédio abandonado do Porto. Como o autor compreendeu, às vezes só a ficção pode dar respostas ao mistério e fazer incidir uma luz a que as crónicas e as notícias não chegam, oferecendo verdade, dimensão e impacto através da reconstrução imaginada do real.

Este é um dos aspetos notáveis desta obra de Afonso Reis Cabral, que trata com talento literário, mas também com imensa dignidade e sentido ético, uma tema tão difícil, tão sensível, mas absolutamente fundamental. Renovo os meus parabéns, não só pelo prémio que agora recebe, mas pelo desafio que significou escrever este livro, por não ter enfrentado os riscos que esta história necessariamente carregava e por ter emprestado a sua voz única e tão surpreendentemente madura a esta história.

Uma última palavra para realçar que quer estejamos a falar de Prémios, de autores ou de políticas públicas, todos temos a ganhar com a construção da lusofonia e da literatura que nela se produz como um lugar de aproximação e de diálogo. Nas inúmeras pronúncias, ideias e ritmos que o português contém, a sua maior valência é ser um espaço comum, indiferente às geografias e às épocas, onde o velho e o novo conversam permanentemente. Este foi, em grande parte, o sentido que animou a criatividade e o empenho público de José Saramago. Este é o exemplo que devemos seguir.

Obrigada



Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100





CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

A C a s a d a A n d r e a

UMA
CERVEJA
ESTUPIDA—
MENTE
GELADA

A n d r e a Z a m o r a n o

Q

uando o meu pai me mandava ao botequim do Senhor António — que no Rio de Janeiro tornara-se Seu Antônio — buscar uma cerveja «estupidamente gelada», repetia escrupulosamente as palavras que me haviam sido entregues para que não restassem dúvidas quanto ao produto que o dono do estabelecimento deveria me vender.

Essa eficácia na comunicação devia-se não apenas à inequívoca escolha estilística do meu progenitor como à capacidade de audição e ao conhecimento da sua clientela pelo Seu Antônio. Nunca ouve ruído entre a língua que eu repetia ao português do botequim da esquina da minha casa e o meu pai, naquele triângulo de comunicação eu era apenas o veículo que difundia a mensagem ainda que o Seu Antônio não falasse exatamente como nós. E mesmo que nunca ninguém me tivesse explicado porque em Portugal falava-se um português diferente daquele que conhecia, sabia reconhecê-lo e aceitava-o com naturalidade.

O mesmo já não posso afirmar com relação ao Seu Matos, vizinho da casa da minha avó, que gritava palavras incompreensíveis quando descobria que os

meus primos estavam encima do muro a surrupiar as goiabas que insubordinadamente clamavam por nós do seu lado do quintal. Confesso que também não estávamos interessados em estabelecer qualquer diálogo, muito menos em compreender a mensagem que o senhor emitia quando vocifera. Sabíamos que se vistos, a consequência seria uma grave crise diplomática que a minha avó teria de gerir dias a fio, essa sim, com longuíssimas conversas onde não deveriam haver falhas na comunicação, nem restar dúvidas quanto às nossas intenções futuras em preservar a relação bilateral não transgredindo o limite imposto pela edificação.

No início da minha vida adulta, quando cheguei à Lisboa, descobri que para além do português do Seu António e do Seu Matos existiam outras línguas portuguesas: as que eram faladas pelos são tomenses, pelos angolanos, pelos cabo-verdianos, pelos moçambicanos, pelos guineenses, timorenses e até pelos próprios portugueses de Portugal. Línguas portuguesas que não sendo a minha também o eram apesar de não partilharmos as mesmas referências culturais ou históricas. Novas sintaxes, novas unidades lexicais,



novos significados e até novas grafias para palavras que considerava como velhas amigas foram se incorporando ao meu português.

Nada era homogêneo, nem único. Na verdade, nunca fora nem será. O muro do Seu Matos era desfeito tijolo a tijolo em cada caminhada no Rossio. Eu partilhava com aquelas pessoas uma matriz linguística comum. Constatei que fazia parte de uma federação de línguas portuguesas e não de um estado-nação que, do ponto de vista linguístico, é totalitário e avesso à variação e à mudança. Dessa língua, como bem afirma Eduardo Lourenço, «os portugueses são os actuates primeiros na ordem cronológica mas isso só não lhes dá nenhum privilégio de 'senhores da língua', que é sempre senhora de quem a fala.»

Por isso a presença e a convivência de outras esferas da língua na língua portuguesa não a corrompe, nem a contamina, tampouco a enfraquece, antes pelo contrário. A defesa da língua portuguesa, feita com tanto furor pelos que pretendem um idioma nacional uniforme é uma luta inglória. O esforço deve ser colocado não numa perspectiva centralizadora mas antes internacional da língua, contemplando e comungando das diferenças muito

mais do que sua unidade. Somos a mesma língua, mas também não somos.

No entanto, contrariando aqueles que temem pela sua extinção, a língua portuguesa vai se metamorfoseando, compondo e se descompondo independente das vontades dos que a querem salvar. Aliás, a língua portuguesa estão de tão boa saúde que a UNESCO atribui-lhe recentemente um Dia Mundial que será celebrado a partir do próximo ano, pouco importando para o efeito se, em alguns grafias, determinado vocábulo leve ou não um “p” ou “c” a mais ou a menos, se os seus falantes fazem um uso excessivo de estrangeirismos ou ainda se é necessário legenda numa peça televisiva de um falante de uma ilha mais distante ou de outro país. O que torna a língua portuguesa tão interessante são as diversas afirmações identitárias que convivem num mesmo espaço linguístico.

A língua portuguesa só estará em risco se a encarceramos no fundamentalismo de uma paranóia nacionalista que apenas serve para reforçar preconceitos, impendendo-nos de sentar à mesma mesa e partilhar de uma cerveja estupidamente gelada seja que em que língua for.



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

*mp
i
m
!*

ANDREIA BRITES

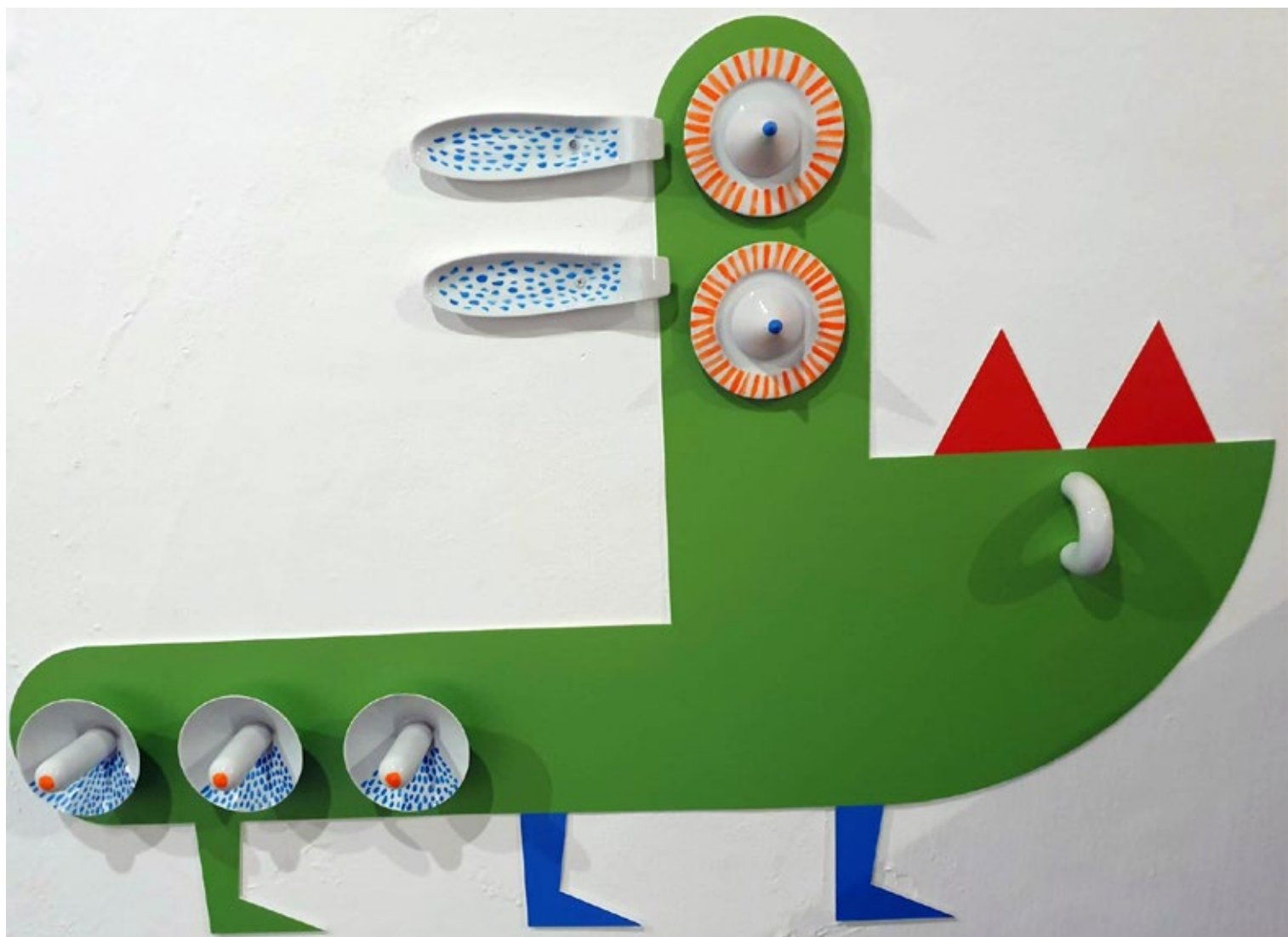
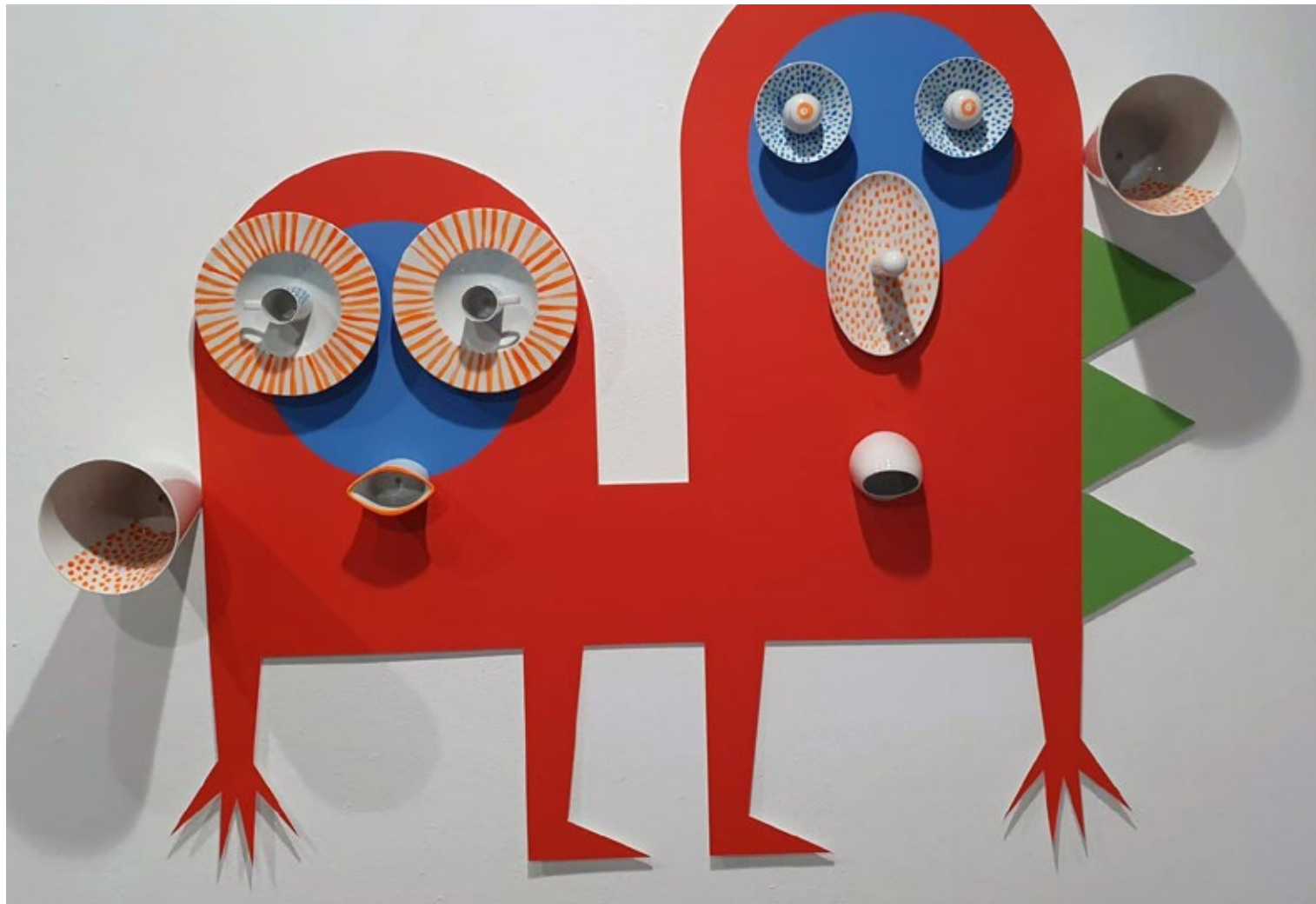


pim! Basta passar as portas da Galeria Nova Ogiva, na rua principal da vila de Óbidos, para as ilustrações de grandes dimensões nas paredes chamarem a atenção. Não apenas pela cor e pela forma mas sobretudo pela relação com as peças de cerâmica que integram e que em conjunto criam rostos e corpos. Algumas estão acompanhadas de frases, outras de interjeições que valorizam o sentido lúdico do risco. Arriscar chapinhar, por exemplo, que consequências nos traz? A da transgressão, da provocação aos limites da ordem. A do prazer também. É um desafio para fora e para dentro, é um desafio táctil e sonoro.

Assim é a 5.^a edição de *Pim! Mostra de Ilustração Para Imaginar o Mundo*, a exposição de ilustração que Mafalda Milhões reinventa a cada ano para o Fólio, o Festival Literário Internacional de Óbidos. Assume uma curadoria coletiva com a vasta equipa e orgulha-se de ver a Galeria apropriada pelas famílias daqueles que ao longo das últimas semanas pregaram pregos, pintaram paredes, instalaram focos de luz, e que no dia da inauguração vêem o resultado do seu investimento nesse todo que é aquela casa que Mafalda Milhões vê como uma participação na vida da comunidade.

Se na 1.^a edição surgiram os princípios programático da exposição, passados cinco anos poderia ser mais difícil mantê-los devido ao constrangimento temático. Todavia,

pim! a mediadora explana a coerência diacrónica de um projecto claramente ideológico. «Desde o primeiro convite que queríamos habitar esta sala. A nossa livraria, nos Casais Brancos, não está dentro da muralha e esta era uma oportunidade para sazonalmente descermos à vila e fazermos algo aqui. Esta galeria permite-nos jogar com a sala, as colecções e o texto de uma forma que outras galerias não permitem porque é muito escultórica e podem ver-se as obras de várias perspectivas.» Mafalda Milhões recua até ao início de *Pim!*, quando pensaram na primeira exposição: o manifesto seria o de chamar a atenção para o trabalho de um colectivo, não da obra mas da intervenção. «Tínhamos de nos afirmar num território. Queríamos criar qualquer coisa nova que nos posicionasse no território enquanto criativos, artistas, mediadores de leitura ativos.» Na primeira edição, foi então pedido aos ilustradores que escolhessem uma ilustração que os representasse e que esta fosse enquadrada por uma moldura que fosse, para cada um, coerente com este princípio. A ideia de que a Galeria funciona como casa destes criadores é reforçada por um gesto simbólico. «Há uma metáfora muito bonita que acontece desde o princípio: quem abre a porta da galeria na inauguração da exposição são os ilustradores. Não é o Presidente da Câmara, não são os vereadores, não é a Secretária de Estado. A partir do momento em que começamos a montar a exposição as entidades locais não entram no



pim! espaço, nunca sabem o que se está aqui a passar. Encaramos isto como um laboratório, uma residência artística. Precisamos da nossa intimidade, estamos no nosso espaço privado. A partir do momento em que a casa está pronta, então entram os donos que são os ilustradores.»

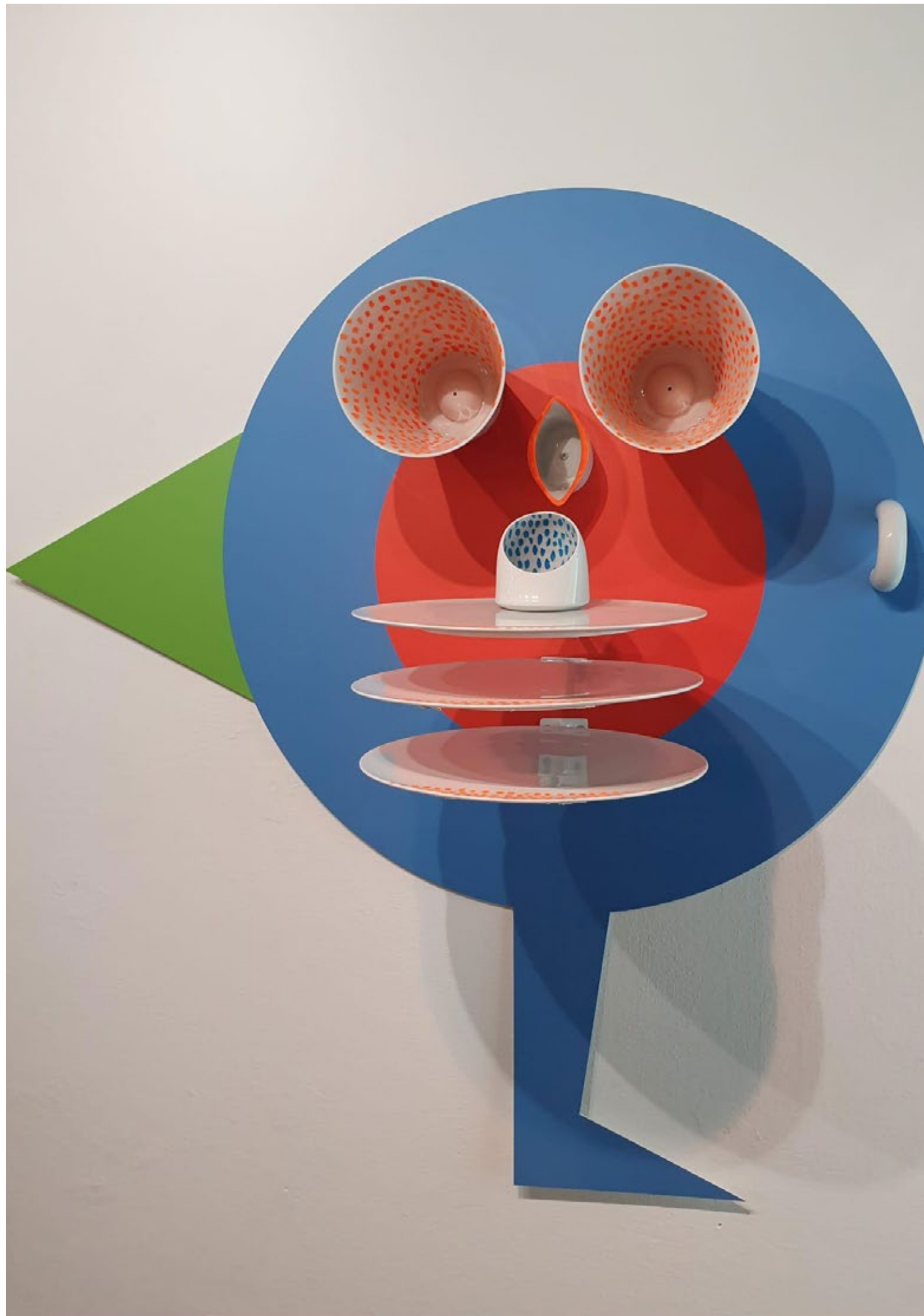
O Medo e o Tempo

Quando surgem os temas orientadores nas edições seguintes, o processo altera-se. «Todos os ilustradores que estão representados têm de ter obra publicada. Isso é o livre trânsito para integrar a exposição. Todas as obras expostas estão associadas a livros, textos, performances, esculturas. É imperativo que estejam associadas a um momento de arte e criação. A ideia é associar esta casa a um universo, um lugar e deixar que entrem outras pessoas que são outros universos, outros lugares. É evidente que neste caso os livros escolhidos por mim e pela Ana Brás têm uma ligação ao tema do Medo e o Tempo mas para nós, mediadores de leitura, é muito difícil não conseguir fazer essa ligação ainda que não seja óbvia. Uma das nossas preocupações é que a colagem ao tema não seja redundante e daí que os tons da galeria não sejam escuros, em tons terra... É uma provocação. O texto é uma reacção ao estado do Tempo, é uma chamada de atenção ao que se está a passar, nomeadamente às alterações climáticas, à

pim! visão política sobre a cultura e a educação, à falta de investimento nas estratégias de acesso ao conhecimento mas acima de tudo o que queremos é que este sítio seja um lugar livre. Quando isso acontece és livre de pensar.»

Em todas as edições há sempre um dos ilustradores representados que, pela relação do seu trabalho com o tema, ganha mais destaque. Depois de André Letria, Manuela Bacelar ou Ana Sofia Gonçalves, este ano foi a vez de Marta Madureira. A justificação, para Mafalda Milhões, prende-se justamente com os textos que tem vindo a ilustrar, desde a obra de Manuel António Pina a *A Palavra Proibida* de Inês Fonseca Santos, passando pela narrativa de tradição oral, *Mocho Comi*. A ligação com a cerâmica que resulta da aproximação aos projectos da Vista Alegre aconteceu com naturalidade, já que a ilustradora na sua condição de professora, se dispõe a experimentar formas e técnicas. «Em termos plásticos é muito modelar. Sempre a brincar faz coisas com muito sentido. A porcelana surge de uma ideia de criar esculturas dentro de uma escultura e nunca tínhamos explorados manchas gráficas tão grandes. Ficámos com medo mas arriscámos!»

A par das ilustrações de grande escala de Marta Madureira que integram as porcelanas da Vista Alegre, há um outro elemento que se destaca nos dois andares da galeria: as diversas esculturas sonoras. No rés-do-chão, um conjunto caixas de música estão ligadas a uma



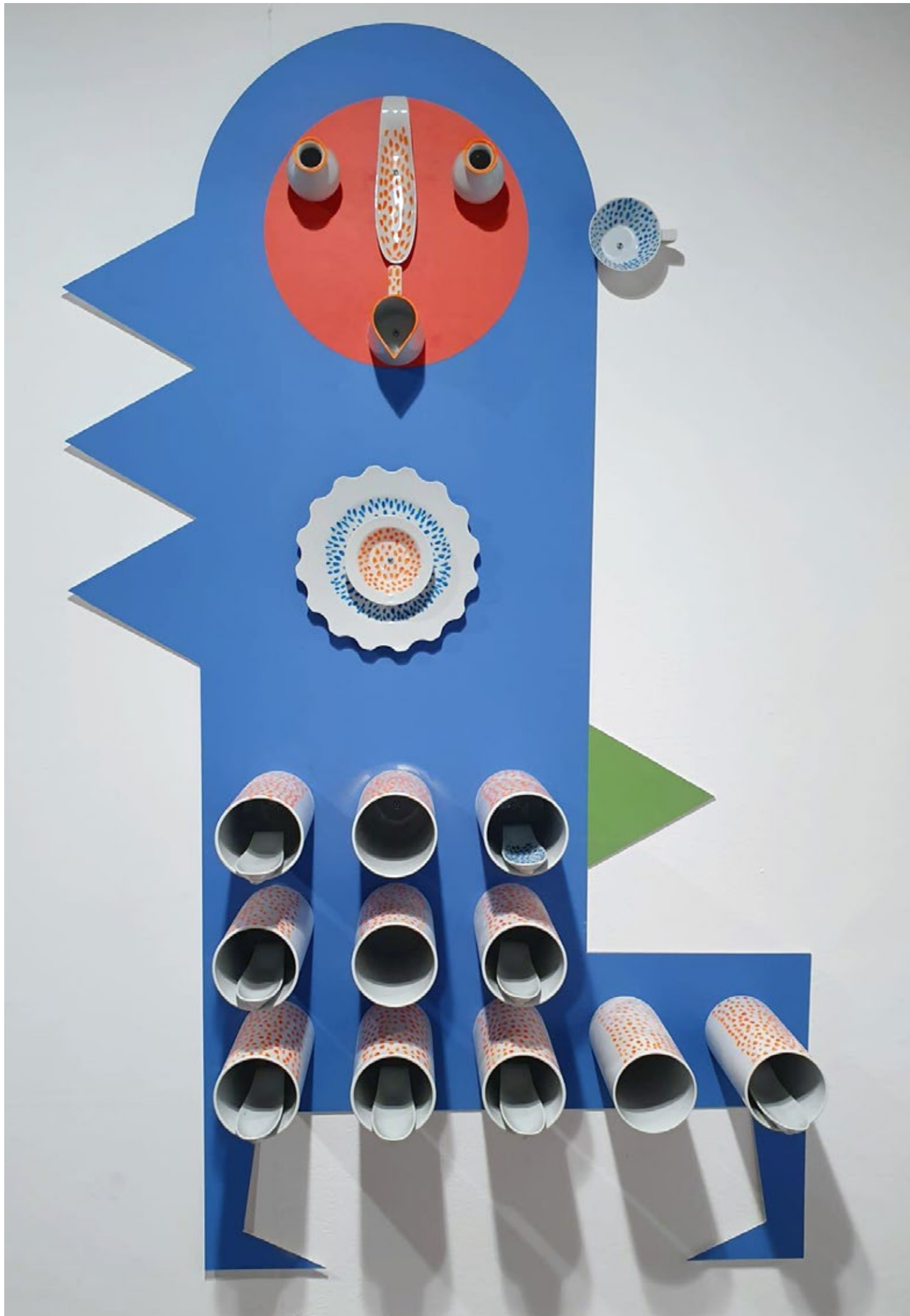
pim! campânula virada ao exterior, à sala. Outras instalações permitem fazer ressonâncias que também são ampliadas pelo efeito da campânula. As crianças não resistem à experimentação e os ruídos cruzam-se, sobrepõem-se e colidem numa cacofonia de diversidade. No primeiro andar, em contrapartida, os sons aproximam-se, como se uns se fizessem eco dos outros quando se elevam prolongadamente de tigelas onde esferas presas a fios balançam numa dança de toques. A instalação sonora depende do público. Se não lhes tocarmos não há som. Logo somos nós, o público, quem interfere, quem age sobre o espaço através do som e da sua ampliação.

«O espaço sonoro surgiu a partir da ideia de medo do burburinho, do diz que disse. No fundo cada instrumento destes é uma pessoa. Todos juntos, a tentar falar, não se vão entender e isto vai ser uma cacofonia. Falando ao mesmo tempo, concentrados no seu discurso, só ouvem o que produzem. Mas, se quiserem conversar uns com os outros, podem fazer uma melodia. Há um ingrediente que também a ilustração tem e não se vê a olho nu que é o som. Por outro lado também quisemos explorar a ideia de que o medo abafa o som. Então, nestes trabalhos de campânula há a ideia do som que nós produzimos e que se pode tornar ruído ou melodia e lá em cima, nas tijelas, o trabalho que a ilustração e a literatura produzem e que é um trabalho interior, dentro de nós. Daí as taças estarem no andar de cima e mais recolhidas, porque é um som

pim! interno. É uma metáfora do que a literatura, a ilustração e as artes provocam, sendo que para nós o medo vai ao encontro de duas palavras muito importantes: o humanizar e o desumanizar.»

Casa de leitura e mediação

Sob o tema do Medo e do Tempo, o processo de escolha não passou especificamente por esta ou aquela ilustração em particular nem tão pouco pelos ilustradores, que são mais de duas dezenas. Há nesta mostra uma condição: a de que os trabalhos expostos sejam os originais e não uma cópia digital, excepto se a técnica original for essa. De facto, a leitura do medo ou do tempo pode não parecer impossível no trabalho exposto de Danuta Wojciechowska, de Abigaíl Ascenso, de André Letria ou ainda de Susa Monteiro mas o que dizer da ilustração de Gonçalo Viana ou da de Manuela Bacelar? Não que um esforço de observação não encontre sempre elementos formais e/ou narrativos que podem associar-se mais ou menos livremente ao tempo e ao medo. Se alguém espreita, alguém arrisca. Se alguém pesca em terra, algo haverá para contar ou presumir. Mafalda Milhões vai um pouco mais longe nesta lógica e convoca naturalmente a sua condição de mediadora da leitura e de educadora pela arte, como também se define. Todas as ilustrações estão editadas em livro e são os livros a referência para o tema.



pim! Porque Mafalda deseja e acalenta a esperança que a Galeria seja casa de leitura e de mediação, lugar de participação da comunidade onde vive em ligação com a livraria Bichinho de Conto, na colina fora das muralhas, do outro lado da auto-estrada do Oeste.

«Diria que este é um lugar de leitores, um lugar de mediação de leitura. Tudo o que fazemos tem esse cariz. Sem o trabalho de terreno, as itinerâncias da DGLAB, o trabalho de mediação de leitura diário, a descoberta, as exposições de formiguinha na livraria, o trabalho de resistência na cave da Biblioteca José Saramago em Beja com a Cristina Taquelim e outros projectos que temos realizado em alguns sítios que nos permitem associar à mediação da leitura a ideia de espaço educador, sem tudo isso não conseguiríamos fazer com que esta sala tivesse uma dimensão diferente. Acho que esta sala é como um bloco, uma compilação dessas outras experiências. É um lego de peças.»

Fotografias de Mafalda Milhões

AND THE WINNER IS...



ANTÓNIO JORGE GONÇALVES

Nomeados para o Prémio ALMA

Já é conhecida a lista com todos os nomeados ao Astrid Lindgren Memorial Award, o maior prémio pecuniário atribuído na área da escrita e ilustração no universo infanto-juvenil e da promoção da leitura.

O grupo de nomeados portugueses conta com menos um nome em relação ao ano passado e apenas uma estreia: o ilustrador António Jorge Gonçalves. Catarina Sobral, Bernardo Carvalho e Maria Teresa Maia Gonzalez são os repetentes de 2018.

No total, concorrem ao prémio 237 candidatos (menos 9 que na edição anterior) de 68 países (mais quatro).

A lista de nomeados foi, como sempre acontece, anunciada na Feira do Livro de Frankfurt e o vencedor será conhecido na Feira do Livro Infantil de Bolonha em Março de 2020.

ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



O país das Laranjas
Rosário Alçada Araújo
Asa

Martha é uma menina austríaca que se vê acolhida por uma família da classe média alta da Covilhã no pós Segunda Guerra Mundial. Se o nome é ficcional e a construção do enredo também, todo o contexto resulta de

factos históricos. Ao abrigo de um programa da Caritas Internacional, foram muitas as crianças vítimas dos efeitos deste devastador conflito bélico que foram trazidas para Portugal onde viveram temporariamente. Estas famílias de acolhimento tinham origens geográficas, culturais e económicas distintas, o que é notório na comparação entre a família com quem Martha vive e aquela que coube em sorte ao irmão Peter. A cada capítulo, cujo título remete sempre para um livro infantojuvenil, o leitor acompanha a adaptação da menina aos novos pais, às empregadas da casa e da residencial contígua, aos sobrinhos do casal. Os dilemas emocionais, o acesso à língua e à educação, os hábitos culturais, a empatia e o preconceito são minuciosamente retratados a partir de situações do quotidiano. Em contraponto à genuína felicidade da menina nesta nova vida, há a memória do passado de fome, perigo, morte, desespero e a emersão de sentimentos contraditórios em relação à sua família biológica que se agudizam quando o irmão a visita no Natal. Todavia, como acontece com qualquer criança, a infelicidade e a preocupação jamais anulam o desejo de brincar, explorar e sonhar. A narrativa nunca abandona o tom de esperança personificado por Martha.

Rosário Alçada Araújo tem uma voz própria e incomum no panorama da literatura infantojuvenil portuguesa. Nesta narrativa de grande fôlego encontram-se as marcas de uma moral singela, um rigor descritivo e um humor a espaços que também constam nos seus contos. A predominância dos afetos é a tónica mais forte do texto

que não foge a uma identidade pouco politicamente correta para algumas tendências sociais e até políticas em que certos rituais, nomeadamente os religiosos Nesse sentido *O país das laranjas* acrescenta perspectivas documentais e morais à literatura infantojuvenil deste início de século e sobretudo alimenta um registo que muitos desconhecem e que vai beber a autores da primeira metade do século XX português grande parte das suas influências.



Hei, Big Bang! (Ninguém disse que era fácil)

Isabel Minhós Martins

Bernardo Carvalho

Planeta Tangerina

Não é comum que os textos dos livros do Planeta Tangerina tenham como protagonista um animal. Menos ainda que a narrativa siga um aparente caminho linear, com apontamentos mais tradicionais, quando se inicia. Mas logo se imiscuem perguntas sem resposta. Depois, umas rimas dispersas, um refrão com variações que marca o ritmo e ainda os típicos trocadilhos em que é pródiga a escrita de Isabel Minhós Martins. Ou seja, a surpresa das primeiras duas páginas de texto dão lugar a outras surpresas e a um mistério: Big Bang tem a sensação de que perdeu uma ideia e, na ausência dela, decide ir à praia. Recuperá-la-á? Pelo caminho, é sistematicamente contrariado, limitado por perguntas e comentários impositivos. A cada passo alguém intervém e o cavalo questiona-se. Porém, a sua determinação vence cada uma das dúvidas e consegue chegar à praia. Tudo seria, do ponto de vista do enredo, bastante comum se Big Bang realizasse o seu desejo e a praia se revelasse exatamente o que esperava. Todavia, os incómodos subsistem inesperadamente e nem na ponta mais recôndita da praia o protagonista consegue alcançar o almejado sossego e contemplação. O final oferece uma surpresa que lança a pretensa moral em várias direções. Seja como for, não há resposta para a sua inquietação original. Big Bang resolve-a pelo texto e pela ilustração mas nunca anuncia o que é. Apenas abandona a sua cor negra e apropria-se das cores e dos tons do mundo que o envolve, do chão ao céu, da terra ao mar. O passarinho seu vizinho permanece branco mas é altamente provável que tenha alguma responsabilidade nesta metamorfose.

Sara ma

*O ano
do barman
que lia
Saramago*

o gu

ana

Em julho de 1993 José Saramago recebeu, em Londres, o prémio de ficção estrangeira do jornal Independent pelo romance O Ano da Morte de Ricardo Reis. A distinção foi partilhada com o tradutor da obra para o inglês, Giovanni Pontiero. Uns dias mais tarde, Fernando Assis Pacheco escreveu para a revista VISÃO um texto em que conta sobre esse prémio, sobre leitores, Lanzarote e, claro, José Saramago. Para este número, a revista Blimunda recupera o artigo do jornalista e escritor português falecido em 1995.

*O ano do barman que lia Saramago
Prémios qualquer tem. Agora
leitores, como vossa licença, é que são
importantes*

Fernando Assis Pacheco, para a VISÃO

O que mais tocou José Saramago quando no dia 29 de Julho recebeu em Londres o prémio de ficção estrangeira do *Independent* foi entrar num bar da City e ser atendido por um empregado português que lhe falou dos seus livros e lamentou não ter nenhum à mão para autografar. Em casa sim, havia vários. Fica para outra vez.

O que dizia o fax chegado à ilha de Lanzarote dias antes, com muitos parabéns à mistura, era que o escritor português e o seu tradutor inglês de origem italiana, Giovanni Pontiero, professor da Universidade de Manchester, haviam ganho uma das mais importantes distinções literárias das Ilhas Britânicas, dez mil libras a dividir pelos dois. Como as Canárias não estão propriamente nos Antípodas, Saramago pôde voar para Inglaterra na data prevista e no lugar preferido, que é ao lado da mulher, Pilar del Río, andaluza. Fica para esta vez, pensou o autor d'*O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Na mesmíssima data a Associação Portuguesa de Escritores dava-lhe um prémio de prestígio, designado Vida Literária, a atribuir a um escritor português cuja obra, no decurso de uma carreira dedicada às letras, tenha atingido «alta projecção» no país e no estrangeiro. O que era o caso, e não se fala mais dele porque é para já.

Seis livros

O melhor Saramago traduzido pelo mais desatento dos *scholars* não teria a mínima hipótese de ser considerado pelo júri. Aconteceu o contrário: Pontiero é unanimemente considerado um homem-ponte entre as duas línguas, à vontade tanto na poesia como na prosa; a sua versão lê-se como um original, dizem os entendidos.

A mecânica deste prémio é muito simples. Entre Julho de um ano e igual mês do ano seguinte doze pessoas escolhem em cada dois meses o melhor título estrangeiro de novelística entretanto surgido. Doze meses volvidos há, pois, seis obras finalistas, sobre as quais o mesmo júri lavra o seu juízo definitivo. Cabe dizer que *O Ano da Morte*

O ano da
morte de
Ricardo
Reis

O ano da
morte de
Zicanda
Reis

O ano da
morte de
Ricardo
Reis

de Ricardo Reis, lançado em Portugal em 1984, está nos escaparates ingleses desde o primeiro semestre de 1992, tendo sido por ele que a selecção do *Independent* começou.

Até ao Verão deste ano outros cinco títulos mereceram ser finalistas: *Makbara*, do catalão de língua castelhana Juan Goytisolo, *Mr. Mani*, do israelita A.B.Yehoshua, *The Palace of Dreams*, do albanês Ismail Kadaré, *The Callo of the Toad*, do alemão Günter Grass, e *My Golden Trades*, do checo Ivan Klima.

Do júri faziam parte escritores, críticos e professores universitários, espécies que afinal de contas convivem sem demasiada fricção, pelo menos além-Mancha. Dois nomes a reter: Doris Lessing, a romancista rodesiana, e Michael Wood, catedrático de literatura Comparada e hispanista.

«Num país tão fechado como se diz que é a Inglaterra, criar um prémio destes, simultaneamente para um autor e um tradutor, é o ovo do Colombo de que ninguém ainda se tinha lembrado», disse à *VISÃO* José Saramago.

Ele viveu ainda outra meia-surpresa, que foi a de lidar todo o tempo da breve estada londrina com gente «de uma extrema conrdialidade», a começar em Doris Lessing e a acabar no editor literário do *Independent*, Robert Winder.

Obras

Para que servem os dinheiros dos prémios? Ora adeus, para gastar no que for servido serem gastos. Saramago, profissional integral da escrita, não faz nenhum segredo dos buracos por onde ele se escapa.

Agora mesmo n'A Casa que mandou construir sobre risco de um cunhado espanhol, no município canários de Tias, ilha de Lanzarote, o mestre-de-obras apresenta a

conta de um belo alpendre com função de regulador de luz ambiente, que na ilha é cegante e convém moderar a todo o mundo. Também há um terreno recentemente adquirido, forrado a granulado vulcânico, o rofe de Lanzarote, para vencer a belíssima encosta de Tias.

Detalhe curioso, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, que nos EUA tem chancela diferente (Harcourt Brace) da inglesa (Arville Press), apostou aí na mesma tradução de Pontiero. Em Manchester abre-se com certeza um bom claret. Em Tias, se não fosse o marido sertão pouco arrozeiro, Pilar faria uma paella regada a cava. Mas José Saramago basta-se com pouco.

Gonzalo Torrente Ballester diz que não tarda estão a telefonar de Estocolmo ao português. Nesse dia pode ser que ele abra um Porto vintage para acompanhar um serra: não há casamento mais harmonioso.

Caligrafias de Carlos Reis para a capa do livro
O Ano da Morte de Ricardo Reis

Car- los Reis

*Prémio
Eduardo
Lourenço
2019*

Com Eduardo Lourenço aprendi que pensar é um dever ético

**Prémio
Eduardo
Lourenço
2019**

No dia 18 de outubro, o investigador e professor universitário Carlos Reis recebeu na sede do Centro de Estudos Ibéricos, na Guarda, o Prémio Eduardo Lourenço. O Júri reconheceu uma trajetória que «objetiva um trabalho de cooperação entre os âmbitos académicos e culturais de Portugal e Espanha». A seguir o discurso de aceitação do prémio pronunciado por Carlos Reis.

Deve-se a Eduardo Lourenço a ideia-semente de onde nasceu o Centro de Estudos Ibéricos, ideia lançada numa sessão solene em que o patrono deste prémio que muito me honra falou, a propósito destas terras, de «oito séculos de altiva solidão!» E bem sabia ele, por origem e por experiência própria, do que falava.

Nascido no interior do nosso interior, Eduardo Lourenço entrou no mundo num tempo em que eram bem longos os quase 50 quilómetros que separam a sua aldeia de São Pedro do Rio Seco desta cidade da Guarda; uma distância reduzida a uma crescida légua, quando dali se segue, em linha reta, até à fronteira com Espanha. Bem consciente estava e está ainda o cidadão do mundo chamado Eduardo Lourenço de que a fronteira é uma

linha artificial, separando politicamente o que junto está; chama-se Ibéria esse espaço comum e iberistas somos todos os que nos revemos naquela solidária unidade cultural e mental que é sentida até mesmo por quem, como eu, nasceu no meio do Atlântico.

Aprendi isto com Eduardo Lourenço. E dele colhi a não menos expressiva lição de que pensar é um dever ético que apenas se extingue no dia em que partimos. Quando nisto reflito, lembro sempre o grande filólogo e historiador Ramon Menéndez Pidal e um desabafo que se lhe atribui: quando estava perto de sair desta vida, cumpridos 99 anos de uma existência de incansável trabalho intelectual, o grande filólogo e historiador terá tido ainda forças para dizer: «Ahora me muero, cuando tanto había que leer!»

O prémio que me foi atribuído pela generosidade do Centro de Estudos Ibéricos não é o único iluminado pelo nome e pelo exemplo de Eduardo Lourenço. A esta figura ímpar devo um outro prémio de que, como deste, muito me orgulho: a possibilidade de aprender com ele uma ética do pensar, aliada à constante obrigação de interrogar, de mais querer saber e de levar o entendimento das coisas, das pessoas e do mundo ao limite permitido pelas nossas forças e pelas nossas aptidões, por escassas que sejam.

Lendo Eduardo Lourenço e, sempre que isso tem acontecido, convivendo com ele e escutando a sua palavra sedutora, bem humorada e, em certos momentos, queirosianamente irónica, muito aprendi e muito continuo a aprender sobre Fernando Pessoa e sobre Eça, sobre Antero e José Saramago, Miguel Torga e José Régio, Vergílio Ferreira e Agustina Bessa Luís, Portugal e os seus mitos, a Europa e as suas contradições. E também

sobre a Península Ibérica, pensada pelo meu e nosso Mestre a partir deste lugar que, não sendo agora guarda da fronteira, já não consente lamentos como o daquela jovem que, na conhecida cantiga medieval, temia pela sorte do «meu amigo que hei alongado; (...) o meu amigo na Guarda.» Os temores agora são outros. Num momento em que emergem perigosos sinais de fratura na grande casa ibérica, faz um sentido acrescido lembrar o grande ensaísta que nos diz: «Não há espaços mais europeus do que a Península», esta Península que «não se diluiu na Europa», pois que «ela é que nos entrou em casa e se diluiu ela própria na Península, numa história de fascínio e ressentimento».

Devo a estas palavras de Eduardo Lourenço, ao seu exemplo e à vossa generosidade mais, muito mais do que aquilo que sou capaz de dizer. Perdoem-me por isso; e, ao mesmo tempo, recebam a minha gratidão de açoriano iberista, confortados todos pela lembrança do Mestre hoje fisicamente ausente, mas, afinal, sempre presente.

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com





outubro

SUSA MONTEIRO

Até 3 novembro *Amadora BD*

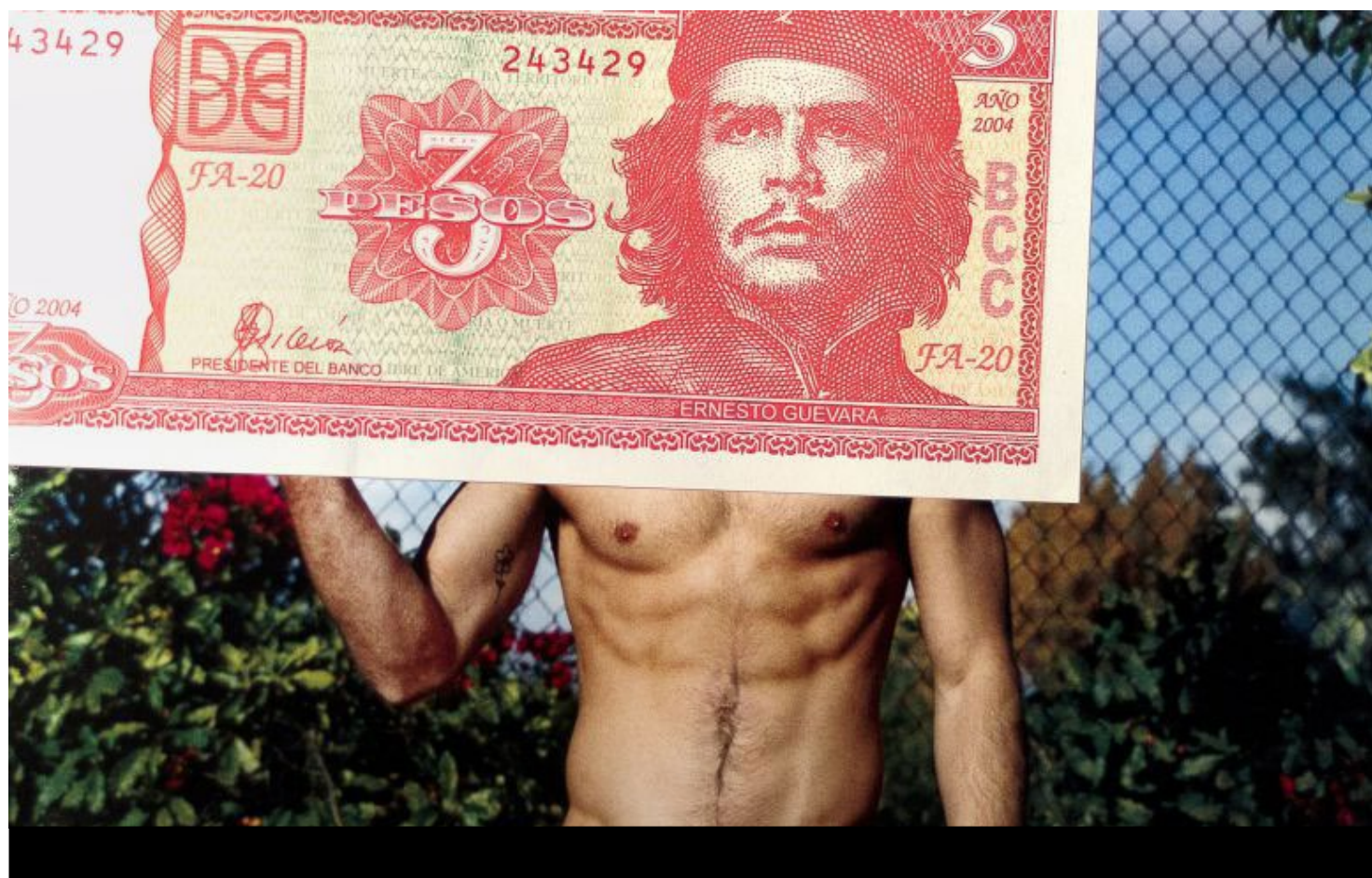
30ª edição do festival Internacional de Banda Desenhada que levará à Amadora vários autores, portugueses e estrangeiros, acompanhando exposições e outra programação. Amadora, Fórum Luís de Camões.



Até 3 novembro

Mon€y

Espetáculo criado pela companhia Mala Voadora, a partir de texto de Deborah Pearson, que encena a gravação de dois episódios de uma sitcom, colocando o público no coração de uma narrativa que questiona os nossos quotidianos e várias relações de poder. Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II. ►



Até 6 novembro

Ahoje É Ahoje

Segunda edição do festival de teatro e partilhas solidárias organizado pelo Teatro Avenida e a associação Mutumbela Gogo, que contará com a colaboração do Trigo Limpo teatro ACERT, de Tondela, e com a presença de Maria do Céu Guerra, patrona do festival, e da Fundação José Saramago. Maputo, vários lugares. ►



SHEN CHAO-LIANG: SINGERS & STAGES SERIES

Até 17 novembro *Novas Visões na* *Fotografia* *Contemporânea*

No âmbito do festival Imago, uma exposição coletiva com doze projetos fotográficos oriundos de diferentes geografias, que espelham a riqueza da criação fotográfica atual. Lisboa, Carpintarias de São Lázaro. ►

Até 17 novembro

Alegorias

Exposição coletiva de trabalhos realizados pelos alunos do Curso de Arte e Design da Escola Superior de Educação de Coimbra. Coimbra, Museu Municipal. ▶



Até 17 novembro

Filmes e Vídeos de Artistas

Seleção feita a partir de um acervo de 15 mil obras de arte, Filmes e Vídeos de Artistas na Coleção Itaú Cultural retrata o desenvolvimento, no Brasil, de um tipo de trabalho que entrelaça audiovisual e artes visuais, cinema e arte contemporânea. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna. Até 10 de novembro. ►



Até 26 janeiro

Lo cercano y lo invisible

Exposição de trabalhos do ilustrador Jimmy Liao, de Taiwan, um dos criadores orientais mais conhecidos e publicados no Ocidente.

Madrid, Museo ABC. ►

2 novembro

Portugal, emigração, interior. E o cinema.

Visionamento e debate sobre a história da emigração clandestina portuguesa para França nos anos 60 e 70, do documentário que o cineasta José Vieira apresenta em Viseu, no âmbito do festival vistacurta, do Cine Clube de Viseu. Viseu, Teatro Viriato. ►



7 a 10 novembro

Could Be Worse: the musical

Espetáculo criado pela companhia Cão Solteiro, em parceria com o cineasta André Godinho, a partir de texto de José Maria Vieira Mendes. Porto, Teatro Nacional de São João. ►

10 novembro

A amnesia de Clío

Uma ópera contemporânea, com libreto de Fernando Epelde e música de Fernando Buide, cruzando os códigos tradicionais desta música cénica com a reflexão sobre a política, a sociedade e as relações de poder que tudo estruturam. Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza. ►



Biografamos tudo. Às vezes, contamos certo, mas o acerto é muito maior quando inventamos. A invenção não pode ser confrontada com a realidade, logo, tem mais probabilidades de ser exacta. A realidade é o intraduzível porque é plástica, dinâmica. E dialéctica, também. Sei disto um pouco, porque o aprendi em tempos, porque tenho pintado, porque estou a escrever.

Manual de Pintura e Caligrafia, 1977